



Juventudes Rurais do

Bico
do Papagaio



Diagnóstico da Realidade das Juventudes Rurais
da Região do Bico do Papagaio - TO

EXPEDIENTE

Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins

Rua João Heitor da Costa, 116
Centro - Augustinópolis - TO - CEP.: 77.960-000
Tel. +55 63 3456-1407
apato@apato.org.br
www.apato.org.br

Produção: Angola Comunicação

Textos: Anna Terra Miranda
Edição: Catarina de Angola (DRT/PE 4477)
Ilustração: Muriel Duarte e Raissa Theberge
Revisão ortográfica: Mariana Reis
Projeto gráfico: Felipe Miranda

Revisão: Selma Yuki Ishii

Impressão: Gráfica Provisual

Tiragem: 1.000 exemplares

Diagnóstico da Realidade das Juventudes Rurais da Região do Bico do Papagaio - TO

APA-TO

João Palmeira Júnior, Selma Yuki Ishii

GT das Juventudes Rurais

Aldimar Lopes de Sousa, Camilla Ferreira Holanda, Cleudiane Pereira Rodrigues de Souza,

Elisandra Melo Santos, Eliton Apolinário, Elizete da Costa Sousa de Araújo, Elves Felipe de Brito Santos, Everton de Brito Santos, Hilário Oliveira Sousa, Isabel Alves dos Santos, Jorge Luís Ruberto Lima, José Barbosa Dias, Leidiane Pereira Rodrigues de Souza, Matheus dos Santos Filho, Mauro Conceição, Ruan Tavares Santana

Rede Bico Agroecológico

Alisson da Silva Linhares, Francisco Gomes da Silva, Gleison Gomes de Sousa Santos, Janiel Oliveira, Barbosa dos Santos, Julio Nelço F.de Sousa, Maria Antonia S. B. Santos, Maria José da Silva Almeida, Nayara Souza Santos Brauna, Revone Miranda da Silva, Tatiane Gomes Carreiro Rosa, Wendel Bezerra da Silva

UFRRJ

Elisa Guaraná de Castro, Francisco da Silva Tiburcio, Joyce Gomes, Luiza Dulci

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Anna Terra
Juventudes rurais do Bico do Papagaio :
diagnóstico da realidade das juventudes rurais
da região do Bico do Papagaio - TO / Anna Terra
Miranda ; [ilustração Muriel Duarte, Raissa
Theberge]. -- 1. ed. -- Recife : Angola
Comunicação, 2020.

ISBN 978-65-992351-0-8

1. Agricultura - Aspectos sociais 2. Agricultura -
Brasil - História 3. Agroecologia 4. Brasil -
Condições rurais 5. Jovens - Agricultura - Tocantins
(TO) - História 6. Sociologia rural - Brasil I.
Duarte, Muriel. II. Theberge, Raissa. Título.

20-44542

CDD-631.20981

Índices para catálogo sistemático:

1. Pequena agricultura no Tocantins : Sociologia
rural 631.20981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Agradecemos a todas as organizações sociais, as lideranças, os professores e as professoras da Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio (EFABIP), as mães, os pais e, principalmente, os jovens e as jovens que participaram do Diagnóstico em diferentes momentos, contribuindo para a construção coletiva de diálogos e caminhos para a permanência das juventudes rurais no campo.

Os jovens estão unidos
para a mudança acontecer
pois já somos o presente
e iremos fazer valer
pois somos inteligentes
e por uma nação decente
lutaremos até vencer

Sou um jovem sonhador
E na luta quero seguir
Para ser um vencedor
Quero sempre progredir
Não sou filho de doutor
Mas tenho sangue de agricultor
E jamais vou desistir

A juventude precisa
De mais oportunidades
Sei que ela vive indecisa
E tem suas necessidades
Mas nossa luta é precisa
E o povo nos parabeniza
E nossos sonhos viram verdade

- *Trecho do poema Juventude Rural*



<i>Expediente</i>	2
<i>Ficha catalográfica</i>	2
<i>Apresentação</i>	6
<i>Território do Bico do Papagaio</i>	7
<i>APA-TO</i>	8
<i>Rede Bico Agroecológico</i>	9
<i>GT das Juventudes Rurais</i>	10
<i>Diagnóstico da Realidade das Juventudes Rurais</i>	12
<i>Metodologia</i>	12
<i>Público do diagnóstico</i>	13
<i>Perfil das juventudes rurais</i>	14
<i>Relação com a terra</i>	17
<i>Relação com a gestão das atividades</i>	18
<i>Relação com a família</i>	19
<i>Ser jovem no campo</i>	20
<i>Sair ou ficar no campo?</i>	21
<i>Qual é o papel das juventudes rurais?</i>	24
<i>Roda de Conversa</i>	26
<i>Cantos para animar as rodas de conversa</i>	27

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha que está em suas mãos tem informações muito valiosas sobre as Juventudes Rurais da Região do Bico do Papagaio. Ela é o resultado de um grande diagnóstico, ou seja, uma pesquisa que foi feita para conhecer melhor as realidades dessas juventudes, especialmente sobre seus sonhos em relação à sucessão do trabalho e a vida no campo.

Quem são essas juventudes?

Qual é o papel dessas juventudes?

Quem vai cuidar do campo?

O Diagnóstico foi um trabalho coordenado pela Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins, a APA-TO, o GT das Juventudes Rurais, a Rede Bico Agroecológico e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), contando com o apoio da MISEREOR.

Agora te convidamos para navegar pelas próximas páginas fazendo uma reflexão sobre essas realidades, e também para participar ativamente da construção de estratégias de ação com as juventudes para que possam permanecer no campo.

Vamos?

TERRITÓRIO DO BICO DO PAPAGAIO

No extremo norte do estado do Tocantins está localizado o Território do Bico do Papagaio, que faz divisa com os estados do Pará e do Maranhão. Integra o ecossistema de mata de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, comumente chamado de pré-Amazônia ou zona de ocorrência de babaçuais, delimitada pelos rios Tocantins e Araguaia.

O território de identidade da Rede Bico é composto por 12 municípios, dos quais 10 participaram do diagnóstico, foram eles: Araguatins, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Carrasco Bonito, Esperantina, Itaguatins, Praia Norte, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins e Sítio Novo do Tocantins. Em relação à quantidade da população, todos esses são considerados municípios de pequeno porte, sendo Araguatins o mais populoso com cerca de 35 mil habitantes, e todos os demais com menos de 18 mil habitantes cada um.

Por lá, vivem povos que cuidam da biodiversidade regional. São pessoas que dedicam a vida a preservar e regenerar as matas, o ar, as águas e o solo, como as quebradeiras de coco babaçu, as comunidades quilombolas, agricultoras e agricultores familiares e os acampados, que lutam pela reforma agrária. A agricultura e o extrativismo são as principais atividades, e a sucessão rural é uma preocupação.

Com o envelhecimento da população rural no Bico do Papagaio e em todo o Brasil, quem vai cuidar do campo?



A Alternativas para a Pequena Agricultura do Tocantins (APA-TO) atua desde 1992 no estado do Tocantins construindo uma história de desenvolvimento participativo e garantindo melhores condições de vida no campo para agricultores e agricultoras familiares camponeses. O objetivo é a garantia da permanência de agricultoras e agricultores familiares na terra.

Em articulação com o movimento sindical e demais movimentos sociais do campo, a missão da APA-TO é contribuir para a construção da Agroecologia na Agricultura Familiar, vivenciando novas relações sociais de gênero e geração, que favoreçam a qualidade de vida das populações rurais, visando a reforma agrária, a afirmação dos territórios tradicionais e uma sociedade justa e solidária. A atuação da APA-TO está centrada na assessoria de assentadas e assentados, agricultoras e agricultores familiares, quebradeiras de coco, quilombolas, focando as ações no campo da agroecologia, da economia solidária, da organização e formação, da análise, proposição e negociação de políticas públicas e na luta pela garantia dos direitos territoriais das populações tradicionais.

A APA-TO integra a Rede Bico Agroecológico, uma articulação que promove a agroecologia em 12 municípios do extremo norte do Tocantins.



REDE BICO AGROECOLÓGICO

A Rede Bico Agroecológico é uma articulação que atua em 12 municípios do extremo norte do Tocantins e envolve agricultoras e agricultores organizados e mais de 25 organizações que desenvolvem práticas agroecológicas nas suas comunidades e territórios.

Tem como propósito consolidar uma rede de referências de experiências agroecológicas na região do Bico do Papagaio. Busca incentivar a construção de novas práticas agroecológicas que contribuam para a geração de renda e conservação da biodiversidade local, promover o intercâmbio entre as comunidades do Bico do Papagaio para troca de experiências e sociabilidade e dar visibilidade às práticas agroecológicas desenvolvidas pelas famílias.

A atuação em Rede envolve jovens, adultos e as entidades integrantes da Rede Bico Agroecológico.



SOMOS
REDEBICO
AGROECOLÓGICO





O trabalho se dá diretamente com jovens do campo de diferentes comunidades, onde membros do GT vão animar novas pessoas interessadas em organizar as juventudes nas suas comunidades. São realizadas oficinas, encontros, rodas de conversa, apresentações culturais e diversas atividades de engajamento das juventudes. É um trabalho lindo e valioso que é realizado pela nova geração das pessoas do campo!

O Grupo de Trabalho das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio foi criado em 2018, após o II Encontro Regional das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio. O GT nasce do interesse das juventudes em se organizarem e contribuírem para a articulação em torno de temas como agroecologia, política, comunicação, terra e território, relações de gênero e cultura.

O GT é constituído inteiramente de jovens do campo, de diferentes movimentos e organizações sociais, contando com representantes das quebradeiras de coco, dos sem-terra, quilombolas, assentados e pequenos proprietários. Além disso, as juventudes contam com o apoio da Rede Bico Agroecológico e reúne as demandas organizadas nos coletivos locais para realizar uma luta articulada.



Quem é esse menino negro
que desafia limites?

Apenas um homem.
Sandálias surradas.
Paciência e indignação.
Riso alvo.
Mel noturno.
Sonho irrecusável.

Lutou contra cercas.
Todas as cercas.
As cercas do medo.
As cercas do ódio.
As cercas da terra.
As cercas da fome.
As cercas do corpo.
As cercas do latifúndio.

Trago na palma da mão
um punhado de terra
que te cobriu.
Está fresca.
É morena, mas ainda não é livre
como querias.

*- Trecho do poema A Morte Anunciada de Josimo Tavares,
de Pedro Tierra*

DIAGNÓSTICO DA REALIDADE DAS JUVENTUDES RURAIS

A agricultura e o extrativismo são as principais atividades de trabalho realizadas no Bico do Papagaio e a sucessão rural é uma preocupação. Com o envelhecimento da população rural, quem vai cuidar do campo? Com essa questão, foi realizado o Diagnóstico para saber mais sobre a vida e os sonhos das juventudes rurais da região.

Aqui nesta cartilha você vai poder conhecer os principais dados recolhidos durante este diagnóstico e conhecer melhor as Juventudes Rurais do Bico do Papagaio.



METODOLOGIA

O Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio envolveu três instrumentos de pesquisa distintos e complementares: dois levantamentos de dados primários e a análise de dados secundários referentes à região e à população jovem. O levantamento dos dados primários foi realizado através de pesquisas quantitativas e qualitativas. O primeiro passo foi a estruturação e aplicação de um questionário com 80 perguntas, sendo 79 do tipo fechadas, ou seja, com opções de respostas, e uma aberta, para ser respondida de forma livre, referente ao papel da juventude no campo. Tanto a elaboração como a aplicação da pesquisa foram realizadas de forma participativa entre os parceiros do projeto.

Na sequência do levantamento quantitativo, foi feita a coleta e análise qualitativa através de grupos focais. Esta é uma etapa complementar aos questionários, já que os grupos permitem o aprofundamento de questões críticas e investigação de significados e sentidos que não conseguimos captar através dos questionários fechados. Foram realizados 12 grupos focais, com entre 4 e 20 integrantes cada um, e divididos de acordo com sua relação com as juventudes: jovens, pais, professores e lideranças de organizações e movimentos sociais.

Além do levantamento desses dados primários, também foram coletados dados referentes aos municípios participantes da pesquisa, disponíveis em fontes oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Esses três instrumentos de pesquisa se complementam na investigação ampla e profunda das percepções individuais e coletivas a respeito da região e das juventudes rurais.

Agora vamos detalhar aqui os resultados das principais questões levantadas no diagnóstico.



PÚBLICO DO DIAGNÓSTICO

O Diagnóstico envolveu jovens quebradeiras de coco, quilombolas, assentados e assentadas, agricultores e agricultoras familiares e sem-terra. Além de familiares das jovens e dos jovens, professores da Escola Família Agrícola Padre Josimo e lideranças de organizações e movimentos sociais, para compreender a visão de cada um e promover o diálogo geracional.

Vamos conhecer mais o perfil dessas Juventudes Rurais.

PERFIL DAS JUVENTUDES RURAIS

Os questionários foram respondidos por um total de 245 jovens, sendo 111 mulheres, 128 homens e 2 assinalados como outro gênero.

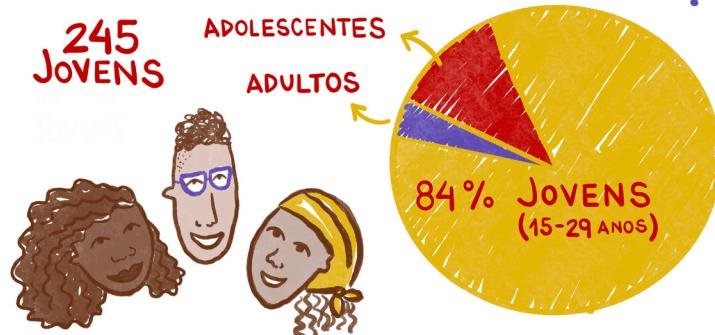
Com relação à idade, levamos em consideração a faixa etária proposta pelo Estatuto da Juventude, então temos a divisão das pessoas que responderam da seguinte forma:

- 29 (11,8%) entre 12 e 14 anos;
- 113 (46,1%) entre 15 e 17 anos;
- 80 (32,7%) entre 18 a 24 anos;
- 16 (6,5%) entre 25 a 29 anos;
- 7 (2,9%) entre 30 a 39 anos.

Dessa forma, vemos que a maioria (85,3%) dos participantes está na faixa de 15 a 29 anos.

Quando questionados em relação à cor/raça, a maior parte se declara negra, sendo 88,6% declarados pretos e pardos. Do restante, 4,9% se declaram amarelos, 4,1% indígenas e 2,4% se declaram brancos.

QUAL O PERFIL DESSA JUVENTUDE?



Sobre religião, a maioria (89%) é cristã, seja da fé católica (71,4%) ou evangélica (17,6%). Mas também há jovens umbandistas (0,8%), e 25 (10,2%) dos jovens disseram não possuir religião.

A educação é um projeto de grande relevância para as juventudes.

A maior parte dos jovens (78,8%) declarou estudar e, dentre esses, 74,3% estão entre o primeiro e segundo ciclo da Educação Básica (Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e/ou Ensino Médio Técnico). Já 21,2% afirmaram não estudar, e dentre eles 16% afirmaram ter parado de estudar antes do que gostariam.



EDUCAÇÃO
78,8% ESTUDAM
74,3% EDUCAÇÃO BÁSICA

Os principais motivos apresentados para a interrupção dos estudos são a falta de renda (29,3%), falta de interesse/dedicação e/ou não gostar (18,9%) e por causa do trabalho no campo (8,6%). Mas a maior parte dos jovens quer seguir estudando.



EDUCAÇÃO
21,2% NÃO ESTUDAM
29,3% FALTA DE RENDA
18,9% FALTA DE INTERESSE
8,6% TRABALHO

Mais da metade dos jovens (69,4%) disseram ter interesse em cursar o Ensino Superior, e dentre eles 43,7% afirmaram querer fazer pós-graduação.

O interesse por cursos técnicos também é significativo, sendo 44,5% dos entrevistados já matriculados e 52% com interesse em realizar algum curso técnico. Apenas 2,9% disseram não querer e/ou não gostar de estudar.

Os jovens querem estudar, mas voltar para o seu território para contribuir.

69% QUEREM CURSAR O ENSINO SUPERIOR
43,7% QUEREM FAZER PÓS-GRADUAÇÃO



O movimento da vida
A harmonia do ser
A voz da natureza
Precisamos ouvir
Um silêncio pra ouvir

Terra, Sol, água e ar
Alimentam a vegetação
A roça a gente plantava
Legumes novos colhia
Juventude é agroecologia

Fruta madura no cacho
Sem veneno, sem exploração
Saúde posta na mesa
Nosso alimento em dia
Dignidade, agroecologia
Juventude é agroecologia

Um movimento feliz
Comunidade e participação
Feiras da gente, o sustento
Fermento, fé, alegria
É gente viva, agroecologia

- Agroecologia, de Paulo Maciel.

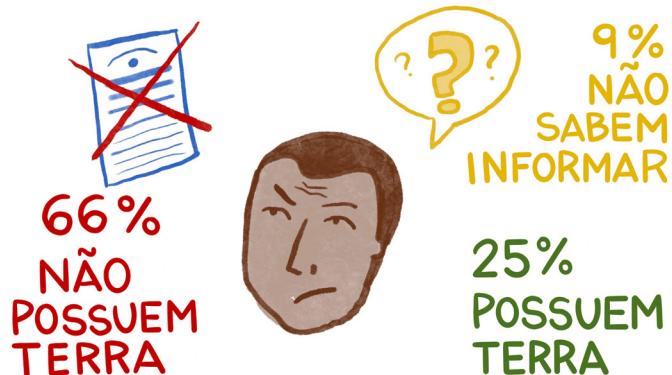
RELAÇÃO COM A TERRA

A maior parte dos jovens vem de famílias que trabalham na terra.

Sobre a terra e a família, 79,2% dos jovens afirmam que seus pais possuem terra e 12,3% não souberam informar. Em relação à condição dos pais na terra, 31,7% são assentados e 28,5% possuem propriedade titulada, 2,5% são acampados e somente 8,5% afirmaram que seus pais não possuem relação com a terra.



Sobre a terra e os jovens, 66% informaram não possuir terra, 25% possuem terra e 9% não souberam informar. Entre os que possuem relação com a terra, 29,3% são assentados, 17,9% são proprietários de terra titulada, 12,2% estão na condição de área comunitária, 4,9% são acampados/sem-terra; e, ainda, 1,9% estão na condição de caseiros, 1,5% são arrendados e 0,8% utilizam reserva extrativista.



As juventudes são as grandes defensoras e propagadoras da agroecologia no campo.

O trabalho dos jovens na roça é predominantemente agroecológico, onde 51,9% dos entrevistados afirmaram produzir sem a utilização de agrotóxicos, questionando o avanço do uso de veneno nas propriedades e sugerindo uma relação de harmonia entre as pessoas e a natureza.

Desses jovens, 12,1% consideram seu próprio trabalho na roça como transitório de um sistema para o outro, ou seja, parte da produção com agrotóxico/veneno e parte sem o uso de insumos químicos. Outros 9,6% informaram se dedicar à produção convencional (com agrotóxico/veneno e outros insumos químicos), enquanto 26,1% disseram não trabalhar na roça.



RELAÇÃO COM A GESTÃO DAS ATIVIDADES

As juventudes não sentem que seu trabalho é reconhecido e valorizado e muitas vezes é considerado apenas uma ajuda para a família.

Entre as pessoas entrevistadas, 42,2% disseram não exercer nenhum tipo de trabalho/atividade remunerada. Já entre os que realizam algum tipo de trabalho/atividade remunerada, 41,8% afirmaram exercer somente no campo; 9,8% no campo e na cidade; e apenas 6,1% somente na cidade.



Entre as atividades/trabalhos não remunerados realizados no campo, os que aparecem com maior frequência são: a roça (18,5%), afazeres domésticos, do lar e o cuidado com a casa (14,2%), a criação de galinha e/ou porco (11,4%); o trabalho na horta (8,2%); a pecuária leiteira ou de corte (6,5%); a produção de farinha (6,3%) e o extrativismo de babaçu (5,6%).

Essa desvalorização afeta mais as mulheres jovens, que por conta da divisão sexual do trabalho exercem funções domésticas que são invisibilizadas.

Entre os jovens que decidem por “conta própria” ou “em comum acordo” sobre a remuneração, a maior parte são homens, representando o dobro do número de mulheres em ambos os casos. Esse desequilíbrio também acontece na participação no planejamento das decisões de produção e renda.



A respeito do uso das terras e o que vai ser feito na produção, 42,4% dos jovens afirmaram que as decisões são planejadas por toda a família. Porém, quando se trata da participação dos jovens entrevistados no planejamento da produção, esse número cai para 35,5%. Mas existe expressiva desigualdade de gênero em relação à participação no planejamento das decisões. Daqueles que sinalizaram participar das decisões, podemos ver o dobro de homens (23,4%) do que de mulheres (11,3%).

RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

A maior parte dos jovens mora com os pais (37,1%) e irmãos (21%). Os que declaram morar somente com a mãe somam 12,7% dos entrevistados. Ainda, 15% moram com outros familiares, dentre esses, 9,3% com avós, 3,7% com tios e 2% só com o pai.

Mesmo vivendo sob o mesmo teto dos seus familiares, ficou claro na etapa qualitativa da pesquisa, com os grupos focais, que existe uma grande diferença entre o que pensam as juventudes e os familiares.

Enquanto os pais e as lideranças entendem que o papel dos jovens é trabalhar, estudar e promover a sucessão rural, os próprios jovens apresentam como seu papel a participação, a luta pela terra, a luta por mudança de forma de produção e a preservação da natureza.

Além disso, existe uma diferença entre as gerações na hora da tomada de decisão em relação à produção agroecológica. As juventudes reconhecem a importância da produção agroecológica, mas como não participam ativamente da decisão sobre a produção, não conseguem implementar as técnicas na terra.

Para que essa diferença de pensamento não aconteça, é de grande importância para as comunidades realizarem espaços de diálogo intergeracional sobre formas participativas de gestão na produção familiar.

SER JOVEM NO CAMPO

Lazer é um direito humano de todas as pessoas.

Entre os jovens entrevistados, as atividades de lazer mais frequentes são ir à igreja, jogar futebol, tomar banho de rio, cachoeira ou praia, cavalgar, assim como ficar navegando no celular, ver TV, estudar e namorar. Quando questionados sobre o que gostariam de fazer como lazer no campo, mas não podem, novos interesses aparecem. Dentre eles, podemos destacar ir ao cinema (13,3%), ver série e filme online (5,4%) e ir ao circo (1,8%).



Quando o assunto é preconceito e/ou discriminação, 40,9% dos entrevistados afirmam já terem vivido situações do tipo por serem do campo. Além disso, também relatam formas de preconceito e discriminação relacionadas a cor da pele/cabelo/raça (23,2%), a condição econômica (11,8%), ao fato de ser mulher (6,4%) e de ser jovem (5,4%) e atributos físicos como ser alto, magro, gordo, orelhas, (2,5%). Essas situações foram vivenciadas em sua maioria no espaço escolar.

Ser jovem no campo também é ter participação ativa em organizações, comunidades e espaços das juventudes.

Essa participação reproduz bastante a trajetória familiar. Ou seja, muitos jovens participam de organizações e movimentos sociais nos quais suas famílias estão ou já estiveram envolvidas em alguma medida. As associações de assentamento são as organizações que concentram maior número de jovens (9,3%), seguido dos sindicatos dos trabalhadores rurais (6,2%). Apesar de 44,4% dos jovens não atuarem em nenhum movimento ou organização, é importante destacar que 24,3% afirmaram que não atuam, mas têm interesse em participar. Com relação à participação em organizações específicas de juventude, 41,3% dos jovens declararam atuar em alguma.



As organizações que ganham destaque entre a juventude são as de caráter religioso, predominantemente católico (17,4%) e, em menor proporção, de evangélicos (8,5%). Outros dois espaços que reúnem parte dos jovens da região são o GT das Juventudes Rurais do Bico (9,6%) e o Grupo de Jovens em Comunicação (9,9%).

SAIR OU FICAR NO CAMPO?

Entre as juventudes rurais do Bico do Papagaio existe um forte desejo de permanecer no campo, representando 72% dos entrevistados. Ainda, 18% afirmaram não saber se desejam ou não permanecer; e somente 10% afirmaram não querer ficar no meio rural.

QUER FICAR NO CAMPO ?

SIM
72%



Mas para as juventudes ficarem no campo não basta o querer.

Quando questionados “Você acha que vai poder ficar no campo?” o número dos que acreditam que vão ficar reduz para 50% dos jovens. Já para 33% dos entrevistados, existe grande incerteza e não sabem se vão ficar ou não. Os que acreditam que não vão poder ficar no campo somam um total de 17% desses jovens.

VAI FICAR NO CAMPO ?

NÃO
SEI
50%



Olhando para os jovens da sua localidade, a grande maioria (77%) disse que os jovens de sua região estão saindo do campo. Entre os motivos destacam-se a falta de renda (32,9%), a falta de incentivo da família (15,3%), a falta de estrutura como saúde, lazer, esporte, educação (15,3%), a desvalorização do campo e da pequena produção (10,9%), a falta de políticas públicas, de acesso à terra, de crédito e de assistência técnica (8,7%) e ausência de capacitação/formação relacionadas ao trabalho no campo (8,5%).

O QUE FAZ AS JUVENTUDES



SAÍREM
DO
CAMPO ?

E o que contribui para as juventudes permanecerem no campo são: o sentimento de pertencimento, participar dos espaços de decisão, melhorar a relação entre jovens e adultos, maior aceitação por parte dos pais, avós e lideranças dos interesses dos jovens, melhores condições de vida com políticas públicas, escoamento da produção, cursos de agroecologia, renda própria, maior controle sobre o próprio tempo, acesso à terra e espaços de lazer.

Precisamos cultivar
E cultivamos nosso sustento,
Mas precisamos deixar
Para a natureza
Seu próprio alimento

Precisamos aproveitar a vida
Água, solo, plantas, animais
Respeitando os que são vivos
Não os deixaremos morrer mais

Precisamos de amizade
Amor e Sensibilidade
Paz, respeito e sustentabilidade

Precisamos nos divertir,
mas sem deixar de se preocupar
com os que não se divertem
por seu pão ainda buscar

*- Trecho do poema **Do que precisamos,**
de Igor de Carvalho.*

QUAL É O PAPEL DAS JUVENTUDES RURAIS?

Esta é uma pergunta complexa e com muitos significados possíveis. Foi a pergunta aberta do diagnóstico, ou seja, não havia opções, os jovens respondiam o que pensavam. Entre as diferentes respostas apresentadas, podemos destacar dois fatores: a sucessão rural e o fortalecimento da identidade rural (16,5%); e a valorização e conscientização dos jovens em permanecer no campo (16,5%).

“É permanecer dando a continuidade da sucessão rural.”

“É ajudar os seus pais e promover sucessão rural.”

“Fortalecer e ser base para que os jovens incentivem os outros jovens para que permaneçam no campo.”

O trabalho também é mencionado como papel da juventude do campo. Para 15,4% dos entrevistados, trabalhar é um dos principais papéis dos jovens do campo, seguido de ajudar os pais/idosos/comunidades nas tarefas (12,6%).



“O papel da juventude é incentivar e ajudar mais jovens a ficarem no campo, o papel da juventude também é trabalhar praticando a agroecologia e mostrar que o jovem também tem responsabilidade, voz.”

“O jovem pode trabalhar na terra e gerar renda para sua família, sem a necessidade de mudar para a cidade.”

Outro papel atribuído aos jovens do campo é em relação à produção agroecológica. Para 8,1% dos entrevistados produzir de forma agroecológica é um dos papéis a serem desempenhados pela juventude rural. No entanto, esse tema atravessa outras questões que estão de pano de fundo, dentre elas, os conflitos geracionais em torno das decisões sobre o que e como produzir.

“Dar continuidade às lutas dos seus antepassados sem deixar morrer a agroecologia porque a esperança de um mundo melhor sem agrotóxicos são os jovens.”

“Ajudar mais jovens a gostar do campo e ficar mais na área rural do que urbana e mostrar para eles que sem juventudes não há agroecologia.”

Outro fator diz respeito à participação da juventude em espaços de disputa, reconhecimento e tomadas de decisão. Nesse sentido, 7,8% dos jovens afirmaram que o papel da juventude é ter voz ativa, lutar pelos seus direitos e/ou buscar políticas públicas.

“É tentar melhorar a vida de todos e buscar mais políticas públicas.”

“Fazer a sucessão rural, promover políticas públicas voltadas para o campo, lutar pelos seus direitos e permanecer no campo.”

Em menor proporção, os entrevistados afirmam que papel da juventude do campo também é estudar (6,7%), assim como o de levar novos conhecimentos e tecnologias para o campo. A escolarização aparece como possibilidade de melhorar da qualidade de vida não só dos jovens, mas também como um benefício para as famílias e a própria comunidade.

“Na minha opinião o papel da juventude do campo é estudar, se formar para poder melhorar mais a vida da família no campo e não poder deixar de lado a vida no campo. Dar mais importância para o movimento no campo.”

“Os jovens têm que dar o máximo de si para melhorar a vida no campo. Além de levar conhecimento para as pessoas que lá habitam, brigar por seus direitos, ouvir a mãe, isso seria o ideal, sair para estudar e voltar ao campo para melhorar a produção e ter uma resistência em que é seu.”

RODA DE CONVERSA

Que tal transformar o que você viu neste diagnóstico em uma boa conversa? Aqui estão algumas perguntas pra você debater com sua família, amigos, outros jovens e comunidade.

A realidade das juventudes do campo que aparece nesta pesquisa se parece com a que é vivenciada pela juventude de sua comunidade? Em que pontos? Conte como é a vida das juventudes de onde você mora.

Como é a sua participação nas decisões no planejamento das atividades da produção, da comercialização, da renda e das tarefas domésticas? Você compartilha das impressões que aparecem na pesquisa? Como você avalia as oportunidades entre as filhas jovens e os filhos jovens?

Como a juventude de sua comunidade tem se organizado?

Que motivos fazem a juventude de sua comunidade sair do campo? E quais fazem a juventude permanecer no campo?

Quais são os sonhos dos jovens e das jovens para a coletividade da sua comunidade e para a própria juventude?

CANTOS PARA ANIMAR AS RODAS DE CONVERSA

Xote das Quebradeiras de Coco

João José Filho - Tocantins

Ei não derrube esta palmeira
Ei não devore os palmeirais
Tu já sabes que não podes derrubar
Precisamos preservar as riquezas naturais.

O coco é para nós grande riqueza,
é obra da natureza, ninguém vai dizer que não,
porque da palha se faz casa para morar,
já é meio de ajudá a maior população.

Se faz o óleo pra temperar comida,
é um dos meios de vida pra os fracos de condição,
reconhecemos o valor que o coco tem
e a casca serve também pra fazer o carvão.

Óleo de coco, as mulheres caprichosas
fazem comidas gostosas de uma boa estimação
Merece tanto o seu valor classificado
que como óleo apurado se faz o melhor sabão.

Palha de coco serve pra fazer chapéu,
da madeira faz papel, ainda aduba o nosso chão
Talo de coco também é aproveitado,
faz quebano e cercado pra poder plantar feijão.

A massa serve para engordar o porco,
tá pouco o valor do coco, precisa dar atenção
Para os pobres este coco é meio de vida,
pisa coco, Margarida, e bota o leite no capão.

Mulher parada deixa de ser tão medrosa,
seja um pouco corajosa, segure na minha mão
Lutemos juntos com coragem e com amor
pra governo dá valor a esta profissão.

Santa Maria é nossa companheira
grande força verdadeira
que protege essa nação
que fortalece a nossa força
Em pouco a pouco...
A mulher que quebra o coco
Tem a sua proteção.

Floriô

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
milho na palha, coração cheio de amor (Bis)

Povo sem-terra fez a guerra por justiça, visto que
não tem preguiça este povo de pegar cabo de
foice, também cabo de enxada
pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.

Com sacrifício, debaixo da lona preta
inimigo fez careta mas o povo atravessou
rompendo cercas que cercam a filosofia
de ter paz e harmonia para quem planta o amor.

Erguendo a fala, gritando Reforma Agrária,
porque a luta não para quando se conquista o
chão
fazendo estudo, juntando a companheirada
criando cooperativa pra avançar a produção

Negro Nagô Pastoral da Juventude

Eu vou tocar minha viola, eu sou um negro cantador.
O negro canta, deita e rola, lá na senzala do Senhor.
Dança aí, negro nagô (4X)

Tem que acabar com esta história de negro ser inferior.
O negro é gente e quer escola, quer dançar samba
e ser doutor.
Dança aí, negro nagô (4X)

O negro mora em palafita, não é culpa dele não senhor.
A culpa é da abolição que veio e não o libertou.
Dança aí, negro nagô (4X)

Vou botar fogo no engenho aonde o negro apanhou.
O negro é gente como o outro, quer ter carinho e ter amor

Irá Chegar
PJ

Irá chegar um novo dia
Um novo céu, uma nova terra e um novo mar
E neste dia os oprimidos
Numa só voz a liberdade irão cantar

Na nova terra o negro não vai ter corrente
O nosso índio vai ser visto como gente
Na nova terra o negro, o índio e o mulato
O branco e todos vão comer no mesmo prato

Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado,
Serão juízes deste mundo de pecado.
Na nova terra o forte, o grande e o prepotente
Irá chorar até ranger os dentes.

Na nova terra a mulher terá direitos
Não sofrerá humilhação nem preconceitos
O seu trabalho todos vão valorizar
Nas decisões ela irá participar

Na nova terra os povos todos irmanados,
Com sua cultura e direitos respeitados,
Farão da vida um bonito amanhecer
Com igualdade no direito de viver

Eu só quero ser feliz
Paródia por Dimas Sousa, Mauro Conceição
e José Barbosa

Eu só quero ser feliz, morar tranquilamente
no lugar onde nasci
E poder me orgulhar, da agroecologia na
minha roça praticar
Sem a agroecologia eu não sabia o que fazer,
minhas plantações não paravam de morrer
Mas agora que conheço tudo já mudou até a minha
saúde e da família melhorou
Eu planto consumo e vendo, sem preocupação
e para o agrotóxico, hoje eu digo não
No início foi difícil, todo mundo opinava,
diziam que com veneno, produto não faltava
a terra enfraqueceu, secou e tava rachando e
dinheiro até demais eu tava gastando
parei e pensei: é melhor agir, comecei a pesquisar
e a agroecologia conheci

Xote Agroecológico
Igor Conde

Já posso respirar e voltar a plantar
A terra renascendo,
brotando sem parar
É Agroecologia e
agricultura familiar
Com organização e
resistência popular

Cadê o arroz e o feijão?
(Plantou e colheu)
E o milho de São João?
(Plantou e colheu)
E a agrofloresta, como tá?
(Plantou e colheu)
Transgênico e veneno desapareceu

Eu sou quebradeira
Antônio Nascimento Silva

Eu sou quebradeira
Eu sou quebradeira
Eu vim para lutar

Pelos meus direitos
Pelos meus direitos
Eu vim reivindicar

Mais educação e saúde
Pra toda nação
Eu sou quebradeira
Sou mulher guerreira
E venho do sertão

No Tocantins tem quebradeira
No Maranhão tem quebradeira
No Pará tem quebradeira
No Piauí tem quebradeira



REALIZAÇÃO



ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA AGRICULTURA NO TOCANTINS

PARCERIAS



**JOVENS
COMUNICAÇÃO**



REDEBICO
AGROECOLÓGICO



UFRRJ

APOIO

MISEREOR
IHR HILFSWERK

A APA-TO INTEGRA AS REDES



Articulação
Nacional de
Agroecologia
AMAZÔNIA



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA



Rede Cerrado



Abong

E PARTICIPA DAS CAMPANHAS



CAMPANHA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PÓI & VIDA

SEM CERRADO
ÁGUA VIDA